

# Dessa brincadeira você não pode brincar! A brincadeira de papéis na constituição de gênero na educação infantil<sup>1</sup>

*Leonardo Felipe Gonçalves DUARTE<sup>2</sup>*

*Ida Carneiro MARTINS<sup>3</sup>*

*Roberto GIMENEZ<sup>4</sup>*

## **Resumo**

O objetivo, com este artigo, foi compreender, sob princípios encontrados na bibliografia, como se constituem os papéis dos gêneros masculino e feminino na educação infantil. A problemática da pesquisa traduziu-se em entender como a literatura explicita a constituição de tais papéis, bem como entender se as brincadeiras têm papel preponderante. A abordagem metodológica foi qualitativa, com enfoques bibliográfico e exploratório. O exame da literatura deu-se por meio de análise interpretativa, que consistiu em inter-relacionar os dados obtidos com os princípios teóricos da abordagem histórico-cultural. Os resultados indicam que a brincadeira é fundamental para a apropriação dos papéis sociais, pois os meninos e as meninas, ao brincarem, internalizam as funções sociais atribuídas a homens e mulheres. Assim, no trabalho, considerou-se que a constituição de papéis de gênero também ocorre no processo educacional, já que o ato de brincar condiciona os sujeitos a seguirem os modos e papéis sociais desde pequenos.

**Palavras-chave:** Gênero; Brincadeira; Docente; Criança; Educação Infantil.

---

<sup>1</sup> Este trabalho contou com o apoio financeiro do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (Prosup) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

<sup>2</sup> Doutorando em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. <https://orcid.org/0000-0003-4161-3009>. E-mail: [leonardofelipe900@gmail.com](mailto:leonardofelipe900@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Universidade Cidade de São Paulo. <https://orcid.org/0000-0001-7140-1598>. E-mail: [tita.carneiomartins@gmail.com](mailto:tita.carneiomartins@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutor em Biodinâmica do Movimento Humano. Universidade Cidade de São Paulo. <https://orcid.org/0000-0002-4953-5941>. E-mail: [roberto.gimenez@unicid.edu.br](mailto:roberto.gimenez@unicid.edu.br)

## **You can't play this game! Role play in the constitution of gender in early childhood education**

*Leonardo Felipe Gonçalves DUARTE*  
*Ida Carneiro MARTINS*  
*Roberto GIMENEZ*

### **Abstract**

The objective of this article was to understand, under principles found in the bibliography, how the roles of the male and female genders in early childhood education are constituted. The problem of the research was to understand how the literature explains the constitution of such roles, as well as games have a preponderant role. The methodological approach was qualitative, with bibliographic and exploratory approaches. The literature was examined through interpretative analysis, which consisted of interrelating the data obtained with the theoretical principles of the historical-cultural approach. The results indicate that play is fundamental for the appropriation of social roles, because boys and girls, when playing, internalize the social functions attributed to men and women. Thus, in the research, it was considered that the constitution of gender roles also occurs in the educational process, since the act of playing conditions the subjects to follow the social modes and roles from an early age.

**Keywords:** Gender; Joke; Teacher; Child; Child education.

## *¡No puedes jugar a este juego! El juego de roles en la constitución del género en la educación infantil*

*Leonardo Felipe Gonçalves DUARTE*  
*Ida Carneiro MARTINS*  
*Roberto GIMENEZ*

### **Resumen**

El objetivo de este artículo fue comprender, a partir de principios encontrados en la bibliografía, cómo se constituyen los roles de género masculino y femenino en la educación infantil. El problema de investigación se tradujo en comprender cómo la literatura explica la constitución de tales roles, así como comprender si los juegos tienen un papel preponderante. El enfoque metodológico fue cualitativo, con enfoques bibliográficos y exploratorios. El examen de la literatura se realizó a través de un análisis interpretativo, que consistió en interrelacionar los datos obtenidos con los principios teóricos del enfoque histórico-cultural. Los resultados indican que el juego es fundamental para la apropiación de los roles sociales, ya que los niños y niñas, al jugar, interiorizan los roles sociales atribuidos a hombres y mujeres. Así, en el trabajo se consideró que la constitución de los roles de género también ocurre en el proceso educativo, ya que el acto de jugar condiciona a los sujetos a seguir los modos y roles sociales desde la infancia.

**Palabras llave:** Género; Juego de roles; Maestro; Niño; Educación Infantil.

## Introdução

A presente investigação fez parte de uma pesquisa maior intitulada “O brincar e a motricidade na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: concepções, práticas educativas e contribuições ao desenvolvimento de crianças”, a qual se vincula à dissertação de mestrado intitulada: “Gênero e educação: o que pensam os professores homens sobre a sua inserção e atuação em instituições de educação infantil” (DUARTE, 2023), com enfoque nas relações de gênero na ação do docente.

A Educação Infantil já apresenta às crianças os atributos e modos de agir social de meninos e meninas, em diversas situações, que vão desde as brincadeiras até os processos de ensino e aprendizagem nas práticas educativas. Vianna e Finco (2009) identificam que professores apresentam a tendência de influenciar situações de brincadeiras, e, com as meninas, inclinam-se à representação de episódios de cuidado e zelo; já com os meninos, voltam-se aos cenários que envolvem atividades corporais, tais como esporte e trabalho.

As autoras afirmam que as características corporais e os comportamentos esperados para os meninos e as meninas são reforçados nas ações do cotidiano das escolas de Educação Infantil e os educadores estabelecem, em suas ações, as diferenças entre os papéis sociais, isto é, passam a ser um instrumento de regulação social (VIANNA; FINCO, 2009).

Martins (2009) argumenta que a brincadeira é muito importante, no processo de constituição infantil, todavia, tal prática se encontra mais evidente no discurso docente do que nas práticas educativas. Gaio, Martins e Alves (2020), ao investigar as brincadeiras de gênero, na percepção de professores de Educação Infantil, identificam que, na escola, as atividades refletem a divisão de trabalho imposto pelo sistema patriarcal na diferenciação de papéis binários pré-definidos.

Observando tais questões, com a problemática trazida por este artigo, pretendeu-se entender como a literatura explicita o processo de constituição de tais papéis na Educação Infantil, bem como entender se as brincadeiras têm papel preponderante no processo educativo desse ciclo de ensino. Para responder à pergunta, estabeleceu-se, como objetivo, compreender, sob o enfoque da bibliografia, como se constituem os papéis dos gêneros masculino e feminino na educação infantil.

Para o desenvolvimento da pesquisa, serviram de apoio autores da abordagem histórico-cultural, dentre os quais, Elkonin (2009); Vigotski (2008); e Leontiev (2004), e autores que discutem a constituição de gênero, como é o caso de Louro (2004; 2012; 2018).

## Metodologia

A pesquisa caracterizou-se por ser de abordagem qualitativa e, segundo Bogdan e Bilken (1994), teve por objetivo conhecer os modos como as pessoas experimentam e compreendem a vida; fatores esses atrelados às experiências que configuram seu modo de compreensão da sociedade. Para o desenvolvimento da investigação, adotou-se a pesquisa bibliográfica, que é uma metodologia voltada a captar a produção sobre a temática (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021). No entanto, os autores advertem que não basta apenas revisar a literatura, mas é preciso interpretá-la e refletir sobre ela.

Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. [...] Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Malhotra (2001, p.106) compreende a abordagem exploratória como “um tipo de pesquisa que tem como principal objetivo o fornecimento de critérios sobre a situação-problema enfrentada pelo pesquisador e sua compreensão”.

Assim, procedeu-se a levantamentos no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); na Scientific Electronic Library (SciELO); e na base de dados do Google Acadêmico, por meio do *software* Publish or Perish, para os quais estabeleceu-se o número 100 para o máximo de resultados, assim como no emprego das métricas *Rank* e Índice *h*, na seleção dos artigos. Em todos os casos, foi utilizada a equação “brincar *and* gênero *and* educação infantil”. Após o levantamento dos artigos, foi feita a leitura do título e do resumo para então se chegar ao resultado.

No Portal de Periódicos da Capes, com emprego do filtro “periódicos revisados por pares”, obteve-se como resultado 15 artigos, sendo escolhidos dois. Na SciELO, foi encontrado apenas um artigo, que não foi selecionado; já no Google Acadêmico, após a utilização das duas métricas e da leitura dos títulos e resumos, foram eleitos seis artigos. Os resultados estão identificados na Tabela 1.

Dessa brincadeira você não pode brincar! A brincadeira de papéis na constituição de gênero na educação infantil

**Tabela 1** – Resultados do levantamento bibliográfico

<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Base de dados</b>
Leticia de Freitas <i>et al.</i>	Brincadeiras de Meninas e Meninos: um olhar sobre as questões de gênero na educação infantil.	2019	Capes
Eduardo Cólis; Leonardo Souza	Infâncias, Gênero, Sexualidades: uma investigação-intervenção com professores de educação infantil.	2020	Capes
Cássia Furlan; Verônica Müller	O brincar e as relações de gênero: reflexões de crianças e docentes	2015	Google Acadêmico
Angélica Pereira; Ericka Oliveira	Brincadeiras de meninos e meninas: cenas de gênero na educação infantil	2016	Google Acadêmico
Fernanda Ruis; Marcia Perez	Ouvindo meninos: relações de gênero na educação infantil	2017	Google Acadêmico
Jainara de Braga; Tcharlata Stinghen; Reginaldo Placido	A influência do brincar na constituição de gênero na infância	2018	Google Acadêmico
Camila Campos <i>et al.</i>	O brincar livre de gêneros	2021	Google Acadêmico
Rosana Matos; Márcio de Oliveira; Alicia Vásquez	Jogos, brincadeiras e educação infantil: notas acerca da construção de gênero	2021	Google Acadêmico

Fonte: Elaborada pelos autores.

A análise interpretativa de oito artigos, baseada em Minayo (2012), consistiu em inter-relacionar os resultados obtidos, após a leitura dos textos, com os princípios teóricos escolhidos, a partir dos estudos de Scott (1998); Louro (2004; 2012; 2014); Leontiev (2004); Pino (2005); Vigotski (2008); Elkonin (2009); Martins (2009); Vianna e Finco (2009); Eliot (2013); Urt e Vital (2018), entre outros autores, que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho.

## **O brincar na perspectiva histórico-cultural**

Para a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, adotada no estudo, o ser humano é constituído por meio das interações sociais, pelas quais estabelecem os significados dos processos vivenciados. Tal apropriação acontece num processo relacional, mediado pela linguagem, de modo que o sujeito menos experiente aprende com os outros os modos de agir social (PINO, 2005).

Elkonin (2009) argumenta que, à medida que desenvolveram a linguagem, os seres humanos se adequavam à realidade social em que viviam. O mesmo acontecia com as crianças, que, segundo

o autor, eram colocadas em atividades de trabalho desde muito cedo. Com o passar dos tempos, os modos de produção se aperfeiçoaram e atividades como a caça, o plantio, a pesca, foram determinadas aos homens e mulheres de modo diferenciado.

Tanto as brincadeiras quanto os brinquedos eram utilizados para ensinar às crianças os diferentes modos de utilizar os instrumentos para o trabalho, como um mundo miniatura feito para elas, ou seja, as meninas utilizavam as bonecas para o aprendizado do maternar e cuidar de casa, já os meninos brincavam com ferramentas próprias para os ofícios de defesa, caça e pesca. Desse modo, as crianças apropriavam-se das maneiras de utilizar os objetos por meio do brincar (ELKONIN, 2009).

Elkonin (2009) destaca que a brincadeira é uma prática social, que se desenvolve entre pares, pois uma criança mais experiente, ou um adulto, é que ensina outra criança a brincar, o que possibilita a compressão da realidade em que esse sujeito está inserido.

Assim, o que nos parece caracterizar o brincar é considerá-lo, apoiando-nos na teoria histórico-cultural, enquanto um processo social, pois desde muito cedo, pela mediação do adulto ou de outras crianças mais velhas somos envolvidos nesta ação. A base do jogo é justamente a realidade em que vive a criança, pois nasce das condições em que ela vive (MARTINS, 2009, p. 35).

Destaca-se, com base em Duarte, Duarte e Martins (2023), que a brincadeira é uma prática social e se estabelece como uma maneira de se apropriar dos modos de agir social e cultural do grupo. Assim, as brincadeiras de papéis são parte do processo de constituição do sujeito. As experiências lúdicas são importantes para o desenvolvimento infantil, pois é a partir das relações sociais que a criança retira o conteúdo para aquilo que representa nos jogos de papéis, isto é, internaliza o que vivencia por meio da brincadeira e expressa os significados dados a ela, num movimento constante e crescente; primeiro no plano interpsicológico, isto é, em relações sociais e, depois, no plano intrapsicológico, ou seja, num processo individual.

De fato, podemos identificar *internalização* como um construto teórico central no âmbito da perspectiva histórico-cultural, que se refere ao processo de desenvolvimento e aprendizagem humana como *incorporação* da cultura, como *domínio* dos modos culturais de agir, pensar, de se relacionar com outros, consigo mesmo, e que aparece como contrário a uma perspectiva naturalista ou inatista (SMOLKA, 2000, p. 27-28, grifos no original).

Assim, ao brincar, a criança apropria-se do mundo que está à sua volta, ou seja, a ação da brincadeira é relevante em sua vida e contribui de forma efetiva para a sua constituição. Ainda mais,

Dessa brincadeira você não pode brincar! A brincadeira de papéis na constituição de gênero na educação infantil

por meio das relações, é que se potencializam, no brincar, as qualidades cognitivas, sociais, afetivas e motoras, ou seja, humanas. Levando em conta a perspectiva histórico-cultural, ressalta-se que a presença do outro é essencial para o desenvolvimento humano (VIGOTSKI, 2008).

Pelo brincar, viverá processos lúdicos e prazerosos com mais intensidade. No entanto, o prazer não pode ser visto como um aspecto que define a brincadeira, pois também proporciona momentos em que o desprazer acontece, quando a criança não demonstra interesse pela atividade ou quando é atribuído ao sujeito um papel que ele não gostaria de desempenhar. Assim, o que define o brincar é a inter-relação entre a representação e as regras (VIGOTSKI, 2008).

Na perspectiva histórico-cultural, considera-se que a criança, quando bem pequena, tem a necessidade de satisfazer as suas necessidades e os brinquedos são oferecidos para elas com essa finalidade. Ao utilizar os objetos, a criança não diferencia aquilo que percebe visualmente do significado dado ao objeto. Todavia, quando a criança cresce um pouco mais, na idade pré-escolar, passa a melhor compreender as formas de agir socialmente, mas ainda mantém o desejo de satisfazer imediatamente suas necessidades, o que nem sempre é possível; então, para enfrentar a questão, elas brincam de faz-de-conta. As atividades passam a ser guiadas pelas ideias, de acordo com os significados que lhes são atribuídos. Os objetos não podem ser transformados em qualquer coisa, pois têm que comportar a ação que é representada (ELKONIN, 2009; VIGOTSKI, 2008).

Na brincadeira da idade pré-escolar temos, pela primeira vez, a divergência entre o campo semântico e o ótico. Parece-me ser possível repetir o raciocínio de um pesquisador que diz que, na brincadeira, a ideia separa-se do objeto e a ação desencadeia-se da ideia e não do objeto. Devido ao fato de, por exemplo, um pedaço de madeira começar a ter o papel de boneca, um cabo de vassoura tornar-se um cavalo, a ideia separa-se do objeto; a ação, em conformidade com as regras, começa a determinar-se pelas ideias e não pelo próprio objeto (VIGOTSKI, 2008, p. 30).

Elkonin (2009) destaca que o jogo de papéis envolve características únicas e as relações sociais aparecem como um aspecto primordial na brincadeira; os temas desse processo são os mais diversificados, mas sempre refletem as situações do cotidiano da criança. Para Vigotski (2008), a brincadeira permite que o ser humano alcance níveis superiores de pensamento, pois o sujeito precisa se comportar de acordo com o papel que representa. Considerando tais aspectos, pode-se destacar que uma das características que define o brincar são as representações.

Outro aspecto primordial da brincadeira são as regras, pois, conforme a criança amplia seu entendimento dos modos de agir de seu grupo social, consegue melhor compreender os papéis sociais;



passa a ser capaz de compreender as regras; e, conseqüentemente, a entender aquelas que determinam a intenção da brincadeira, e dar à atividade maior complexidade.

Parece-nos que o verdadeiro curso evolutivo vai dos jogos dramáticos para os esportivos e não o inverso. Ao serem repetidas uma infinidade de vezes na atividade coletiva real, foram se destacando paulatinamente as regras das relações humanas que levavam com êxito. A sua reconstituição sem fins utilitários reais forma o conteúdo do jogo esportivo (ELKONIN, 2009, p.19).

O jogo de regras inicia-se quando a criança pode entender o ponto de vista do outro e, assim, compreender as “regras do jogo”. Segundo Martins (2009), trabalhar com o brincar na escola requer intencionalidade pedagógica, que vá além da visão de que essa atividade é natural da infância, pois a brincadeira possibilita à criança relacionar-se, experimentar, imaginar, expressar-se, de modo que possa compreender o seu lugar e se estabelecer como ser humano no mundo (FONTANA; CRUZ, 1997).

## **Constituição dos papéis de gênero**

Segundo Ramos (2020), é perceptível a divisão entre o trabalho de homens e mulheres, determinada por um princípio de hierarquia, que estabelece ao homem a obrigação de prover o sustento para a família, ou seja, um trabalho de maior relevância social. Assim, a constituição social das representações sobre o trabalho foi reduzida a padrões voltados à sexualidade do indivíduo, limitando o entendimento de gênero vinculado ao sexo biológico (DUARTE; DUARTE; GIMENEZ; MARTINS, 2022).

Com o passar dos anos, sob influência de debates feministas, verificou-se a necessidade de analisar tal condição e discutir as relações de gênero numa perspectiva mais ampla. A formação da identidade passou a ser compreendida como um processo de constituição social e não mais parte da condição biológica (SILVA, 2014).

O sujeito, numa perspectiva histórico-cultural, construiu a sua identidade, ao longo do tempo, humanizando-se e a nossa humanização desenvolve-se por meio de relações sociais, mediadas pela linguagem e a partir dos modos de agir de cada grupo social e dos conhecimentos históricos acumulados pela sociedade (PINO, 2005).

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire

Dessa brincadeira você não pode brincar! A brincadeira de papéis na constituição de gênero na educação infantil

propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Este processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal (LEONTIEV, 2004, p. 301).

Por essa razão, a escola, o trabalho escolar e a brincadeira educativa, são práticas que contribuem para que as crianças desenvolvam as suas melhores qualidades humanas e apreendam os significados dos papéis sociais (TEIXEIRA; BARCA, 2019). As atividades vivenciadas e seus significados são internalizados, ressignificados e externalizados em novos processos sociais, num processo dialético constante de influenciar e ser influenciado por aquilo que vive socialmente (URT; VITAL, 2018).

Para Louro (2014), o processo de descoberta do sexo da criança, pelos pais, desde o nascimento, já inaugura a ideia de escolha das profissões do indivíduo, antes mesmo de ele próprio constituir-se enquanto sujeito. É preciso, segundo a autora, estabelecer a Educação Infantil não como um espaço de reprodução das concepções sobre gênero, mas que se reconheça as crianças em período formativo permeado por brincadeiras, interações e reações.

As pessoas constituem-se ao apreenderem os papéis sociais, por meio da interação com os outros, pois, na visão histórico-cultural, a condição de sujeito ocorre por meio das relações, das quais fazem parte as vivências escolares; as concepções sobre a escola que possuem os meios familiar e social. Tais questões são vivenciadas, pelas crianças, desde tenra idade, o que a faz atribuir significados, também, a esse papel social, assim como se estabeleceu com todos os outros papéis, em especial, os relacionados ao gênero.

Ao nascer, cada um de nós mergulha na vida social, na história, e vive, ao longo de sua existência, distintos papéis e lugares sociais, carregados de significados – estáveis e emergentes – que nos chegam através dos outros. Mediados por nossos parceiros sociais, próximos e distantes, conhecidos e ignorados, integramo-nos progressivamente nas relações sociais, nelas aprendendo a nos reconhecer como “pessoas” (FONTANA, 2000, p. 222).

O gênero, ao longo dos anos, foi uma categoria imposta pelo sexo biológico, mas a discussão ganhou força, no Brasil, pelos debates feministas iniciados na década de 1980 e a palavra gênero aparece como meio de diferenciar não mais o sexo biológico, mas, sim, os papéis sociais que foram atribuídos socialmente a homens e mulheres (SCOTT, 1998).

Gonçalves Ferreira e Capristo (2018, p. 128) dizem que “o papel atribuído historicamente pela sociedade a homens e mulheres é distinto, mudando conforme os valores, as normas e as transformações que a sociedade está adotando”.

Sendo assim, com base em Louro (2018), entende-se o gênero como uma categoria que foi historicamente construída pelos sujeitos, e edificada pelos papéis historicamente constituídos. Observa-se ser, o gênero, uma categoria que faz parte da constituição de todos os seres humanos que, ao nascer e ter contato com seu grupo, já são submetidos à imposição de seus papéis sociais.

## **Resultados e discussões**

Nesta seção, consta a análise dos artigos elencados, de forma a identificar as principais questões a serem consideradas sobre a temática em estudo.

Furlan e Müller (2015), em seu artigo intitulado *O brincar e as relações de gênero: reflexões de crianças e docentes*, analisaram o que crianças e docentes pensavam a respeito do brincar e as questões de gênero. A pesquisa trouxe que é preciso enfatizar a necessidade constante de problematizar as relações de gênero e sexualidade, pois os resultados evidenciaram a estereótipos e discriminações que superam os significados e produzem exclusões sociais.

Pereira e Oliveira (2016), no texto intitulado *Brincadeiras de meninos e meninas: cenas de gênero na educação infantil*, buscaram conhecer e problematizar concepções de gênero nas ações de crianças durante as brincadeiras em uma unidade de Educação Infantil em Maceió/AL. As autoras consideraram que, desde muito cedo, a unidade de ensino ajuda as crianças a reproduzirem os estereótipos de gênero, nas brincadeiras, condicionando meninos e meninas a agirem segundo seus papéis sociais. Para elas, a escola auxilia na produção e reprodução de papéis sociais relativos ao gênero e institui as formas de identidade dos sujeitos.

Ruis e Perez (2017), no trabalho de título *Ouvindo meninos: relações de gênero na educação infantil*, objetivaram apreender as representações de gênero reveladas por dois meninos no contexto da Educação Infantil. As autoras destacaram, em sua pesquisa, que os meninos nem sempre exercem a brincadeira da forma como os adultos esperam ou querem que eles realmente o façam. A pesquisa também possibilitou a observação de diferentes formas de ser menino, ampliando o conhecimento sobre as relações de gênero na etapa da infância.

Braga, Stingham e Plácido (2018), no texto denominado *A influência do brincar na construção de gênero na infância*, trouxeram por objetivo verificar os impactos da atividade de brincar na

Dessa brincadeira você não pode brincar! A brincadeira de papéis na constituição de gênero na educação infantil

construção de gênero. Os autores denotam, em seu texto, que é preciso promover a equidade e o respeito mútuo entre os papéis sociais na escola, que é um lugar de debate inicial, sobretudo, por ser no ambiente escolar que essas questões são primeiramente observadas pelos sujeitos. Os professores, segundo os autores, devem abandonar a ideia do tradicionalismo cultural e auxiliar os alunos a irem além da ideia normativa de gênero.

Freitas *et al.* (2019) discutiram, no trabalho *Brincadeiras de meninas e meninos: um olhar sobre as questões de gênero na educação infantil*, um relato de experiência elaborado a partir das vivências e observações de quatro estudantes de Pedagogia e uma professora de Educação Infantil no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Consideraram que, apesar de algumas crianças buscarem as brincadeiras que tradicionalmente são atribuídas ao seu gênero em específico, existem casos em que meninos e meninas ultrapassam os padrões impostos. Na pesquisa, destacam que o professor deve permitir, possibilitar e encorajar as crianças a explorarem as diferentes formas e possibilidades do brincar, de maneira livre e sem estigmas.

Cólis e Souza (2020), no trabalho *Infâncias, gênero e sexualidades: uma investigação-intervenção com professores de educação infantil*, objetivaram conhecer o processo de subjetivação dos professores sobre gênero, sexualidade e infância em suas práticas educativas. Na pesquisa, consideraram os efeitos do brincar e a relação do mecanismo sexo/gênero que permeia as brincadeiras mediadas pelos adultos. Propuseram elaborar um espaço de formação e debate entre pesquisador e educadoras, sobre as normalizações de gênero e sexualidade. Os autores consideram que há potência, na Educação Infantil, para romper com a realidade binária diante da brincadeira.

Campos *et al.* (2021), no artigo intitulado *O brincar livre de gêneros*, observaram como as crianças manifestam as desigualdades de gênero em relação a determinados brinquedos e jogos. Argumentaram que muitos professores não estão preparados para a quebra de estereótipos sociais e a maioria não fomenta nos alunos o desejo pela brincadeira de outro gênero, auxiliando na reprodução dos estereótipos sociais.

Matos, Oliveira e Vásquez (2021), no artigo *Jogos, brincadeiras e educação infantil: notas acerca da construção de gênero*, discutiram a função dos jogos e das brincadeiras na prática educativa da Educação Infantil, destacando a sua contribuição na construção do desenvolvimento e das aprendizagens sobre gênero. A pesquisa trouxe como resultado que os jogos e as brincadeiras são percebidos como atividades que, além de contribuir para o pleno desenvolvimento das crianças,

incentivam o intercâmbio entre os pares, para solucionar, de forma construtiva, os conflitos surgidos, tendo em vista desenvolver uma formação reflexiva.

A análise bibliográfica resultou em duas vertentes importantes de análise: 1) a brincadeira como constituinte do sujeito; 2) a ideia de normatividade social que envolve as brincadeiras, isto é, meninos e meninas devem brincar com brinquedos pertinentes a cada sexo biológico.

Dos oito textos analisados, em todos, a escola é destacada como meio de reprodução dos estereótipos sociais, bem como evidenciada a importância da função dos professores no exercício das relações do brincar, auxiliando as crianças a reproduzirem os padrões sociais. Em uma das pesquisas, apresenta-se que as crianças não manifestam a mesma forma de pensar dos adultos e ressalta que elas nem sempre atendem às expectativas em relação à brincadeira (FREITAS *et al.*, 2019).

A Educação Infantil, em sua estrutura, já apresenta, às crianças, os atributos de meninos e meninas, em diversas situações, que vão desde as brincadeiras até os processos de ensino e aprendizagem. A literatura de Vianna e Finco (2009) descreve haver certa tendência de professores em influenciarem situações de brincadeiras nas quais as meninas tendem a vivenciar situações de cuidado e zelo e os meninos a participarem de brincadeiras de movimento intenso.

Ruis e Perez (2017), assim como Vianna e Finco (2009), destacam que os adultos, quando educam crianças, definem, pelos seus corpos, as diferenças entre os papéis sociais. As características do corpo e os comportamentos que são esperados, para os meninos e as meninas, são cada vez mais reforçados em pequenos gestos e nas ações do dia a dia, nas escolas de Educação Infantil.

Freitas *et al.* (2019) destacam que as mais plurais experiências de meninos e meninas, nessa etapa de ensino, constituem importante ponto na vida das crianças, pois introduz o processo de escolarização, em que se produzem as habilidades necessárias, bem como existe um processo de constituição dos gêneros feminino e masculino.

Braga, Stingham e Placido (2018) apresentam que há, de forma efetiva, a relação de controle pelos professores. Outros autores destacam que o controle de corpos, sentimentos, ações e movimentos é marcado, nessa fase, pois aí é que as regulações infantis ocorrem com frequência, impostas pela cultura social (VIANNA; FINCO, 2009; GIONGO, 2015).

As crianças constituem os papéis sociais, na Educação Infantil, para agradar aos seus preceptores, pois a correspondência das expectativas do adulto torna-se, para a criança, uma maneira singular de se constituir socialmente. Pino (2005) discute que a criança, ao se constituir enquanto sujeito, necessita do outro e da linguagem, enquanto a função social é um signo representativo criado

Dessa brincadeira você não pode brincar! A brincadeira de papéis na constituição de gênero na educação infantil

pela sociedade. Cólis e Souza (2020) destacam que as instituições, como as escolas, famílias e a sociedade, transmitem às crianças as formas e os jeitos de se expressarem na sociedade, portanto, as masculinidades e feminidades são constituídas desde o nascimento biológico da criança.

A declaração “é uma menina!” ou “é um menino!” [...] instala um processo que supostamente deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo. Judith Butler (1993) argumenta que essa asserção desencadeia todo um processo de “fazer” desse um corpo feminino ou masculino. Um processo que é desencadeado em características físicas que são vistas como diferenças e as quais se atribui significados culturais. [...] O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário (LOURO, 2004, p.15, grifos no original).

Os professores, sejam eles homens ou mulheres, colaboram com esse processo, pois ensinam as crianças, por meio da mediação pedagógica, aquilo que é tipicamente de cada gênero. Por exemplo: quando o docente diz à menina que ela não deve brincar de carrinho, ou, ao menino, que as bonecas são brinquedos femininos, exerce o controle sobre a criança que, para adequar-se às expectativas do adulto, vai atendê-lo e deixar de optar por determinado brinquedo (VIANNA; FINCO, 2009).

As autoras relatam que, por mais que as diferenças biológicas estejam contidas em seu sexo, as meninas e os meninos, interagindo em um mesmo ambiente, são educados de forma diferenciada, pois, embora sejam da mesma família, ou alunos da mesma sala, tendo a mesma educação e adquirindo os mesmos conhecimentos, as meninas são educadas para o zelo, ocultamente, no olhar, nas ações, brincadeiras, e, os meninos, para a dominação. Essas tradições culturais, ancoradas nos papéis sociais, são repassadas de geração em geração, por meio da linguagem que medeia todo o processo constituidor do sujeito.

Guizzo (2007), ao trabalhar a educação de meninos, na Educação Infantil, afirma que, certo tipo de controle, é feito de forma oculta, como um controle de corpos, pois são empreendidos pela escola, por professores, pais, e pela sociedade, com certas expectativas sobre o que serão essas pessoas no convívio social, visto que os atos regulatórios contribuem para a formação do sujeito e sua constituição social.

Se admitirmos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas o produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdades; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com a nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se

transforma e pode ser subvertida; e, por fim, e não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades (LOURO, 2004, p. 85-86).

Em especial, os meninos são tratados e moldados de forma que, desde a mais tenra idade, já possam assumir sua masculinidade e, principalmente, exercer a sexualidade considerada politicamente correta e socialmente aceita, a heterossexualidade. Os meninos que não corresponderem a tais expectativas, são tratados de forma análoga à sociedade, isto é, como diferentes, ou que precisam aprender a ser homens. Matos, Oliveira e Vásquez (2021), ao tratar o jogo nos aspectos de gênero, ressaltam a importância desse processo para a constituição do sujeito, com o intuito de potencializar a apropriação de diversas possibilidades dos papéis sociais.

Pereira e Oliveira (2016) ressaltam que os meninos e as meninas necessitam se enquadrar nas brincadeiras para que possam passar por um processo educacional ileso de preconceitos. Para que consigam se enquadrar, os meninos devem desenvolver habilidades voltadas ao esporte, à agilidade, força e impetuosidade, que são características da masculinidade da sociedade patriarcal, visto que demonstram o masculino como superior aos demais papéis sociais.

A aversão às atividades femininas também é uma característica da educação masculina. Os meninos são ensinados e instruídos, desde pequenos, que a brincadeira de menina é com a boneca, e que ele não deve brincar assim; que fazer comida é coisa de mulher, o que não dá espaço nem liberdade para que a criança absorva o máximo de ambos os papéis sociais, tendo em vista que não é por ser homem que o sujeito não possa desempenhar tais funções. Ele não as executa, pois a sociedade as considera voltadas ao gênero feminino, por isso, o masculino é expressivamente proibido de realizá-las.

Entretanto, creio ser importante compreender que não há uma única forma de se viver a masculinidade (e também a feminilidade). Porém, há uma que predomina e por isso é chamada de hegemônica: refiro-me à masculinidade vinculada diretamente à heterossexualidade. Masculinidade essa que, como já coloquei, “se constrói em relação a várias masculinidades subordinadas assim como em relação às mulheres” (SABO, 2002, p. 37). Gostaria de ilustrar aqui algumas estratégias muito utilizadas pelos adultos (família, professora, etc.) para consagrar determinados tipos de comportamentos tidos como ‘essencialmente’ masculino (GUIZZO, 2007, p. 41, grifos no original).

Observamos que a masculinidade é uma constituição que impede a evasão das fronteiras de gênero, o que não se observa tanto com as meninas, porque é mais fácil aceitar que elas joguem

Dessa brincadeira você não pode brincar! A brincadeira de papéis na constituição de gênero na educação infantil

futebol, do que o menino brincar com boneca (ELIOT, 2013). Pesquisas como as de Guizzo (2007) e Eliot (2013) e as de Duarte, Duarte e Martins (2022) apresentam que as meninas têm menos medo de se aproximar do gênero masculino do que os meninos se aproximarem do gênero feminino, em função da repreensão social, do desagrado do adulto, e da falta de correspondência.

Louro (2012) considera a escola como um espaço de reproduções e, principalmente, um lugar em que as diferenças são evidenciadas, de forma que não dá para perceber porque, ao nascer, os pais já colocam toda uma expectativa sobre a criança que, ao longo do tempo, vai aprendendo a ocupar o seu lugar na sociedade. Gaio, Martins e Alves (2020) também percebem a escola como um espaço dessas reproduções e apropriações, por parte dos professores e alunos, visto que, por meio das brincadeiras, as crianças passam a se apropriar de seus papéis sociais.

Assim, a instituição delimita os espaços e exige que as crianças desempenhem funções diferenciadas. Louro (2012, p. 62) acrescenta que “a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o lugar dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”.

Finco (2012) destaca que, se a masculinidade e a feminilidade dependem dos atributos biológicos apenas, não seria preciso que professores, pais e a sociedade desempenhassem uma rotina de educação. Há intensos esforços de coagir os pequenos e moldá-los dentro da identidade masculina ou feminina, pois, se assim não for, a sociedade patriarcal padece.

Afinal, é natural que meninos e meninas se separem na escola, para trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que naturalmente a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se misturem para brincar ou trabalhar? [...]. Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, locais das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são construídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores (LOURO, 2012, p. 67-68).

A Educação Infantil tem sido, segundo as pesquisas de Guizzo (2007); Vianna e Finco (2009); Louro (2012); e Eliot (2013), um espaço de construção de sexualidades e identidades, visto que elas são coagidas, vigiadas, punidas, educadas e normatizadas, para tornar-se como a sociedade patriarcal deseja que sejam, isto é, meninos sejam meninos, e meninas sejam meninas. Gaio, Martins e Alves (2020) consideram ser preciso maior aprofundamento, além de estudo, por parte dos professores, uma vez que a formação inicial não é suficiente para a desconstrução da ideia binária de feminino e masculino como algo biológico e inato do ser humano.



Finco (2005) pondera ser, a brincadeira, a forma de expressão da cultura, pois a criança aprende os costumes e coloca-os em prática, ao brincar. A autora evidencia, em sua pesquisa, que, nas relações do brincar, ficam explícitas as condições de gênero impostas à criança, pois ela mesmo, ao querer se libertar de tais pesos, os carrega, ao brincar com bonecas ou em esportes.

Felipe (2000), ao estudar as formas de educação de meninos e meninas, descreve que, ainda no século XIX, a atividade era marcada pela preocupação com o comportamento e a conduta, tendo em vista que as meninas eram privadas de manifestar os sentimentos e severamente controladas socialmente.

Com base em Furlan e Müller (2015), percebe-se que a masculinidade e a feminilidade foram, ao longo do tempo, constituídas de diversas maneiras, e que o trabalho docente faz parte desse processo, pois, desde pequeno, a constituição do sujeito é feita, e os papéis sociais são inaugurados na infância e formalizados ao longo da vida.

Arce (2001) descreve que foi percebido, socialmente, como um dom da mulher, ser mãe e receber uma criança em seu útero e depois amamentá-la, o que fez da figura feminina algo “sagrado” e intocável, por ser voltado à preservação e aos cuidados com a família e casa. A formação da menina, como citado, é uma educação centrada no cuidado, pois até os brinquedos, que lhe são apresentados, constituem parte de sua identidade maternal.

A relação que se estabelece entre a professora, especialmente de educação infantil, com o trabalho doméstico, na qual, a mulher recebe uma marca simbólica de “educadora nata” influencia um olhar reducionista no sentido de desqualificação do trabalho educativo. Nesse sentido, conforme assinala Arce (2001), a mulher é vista como aquela que nasce com atributos, ou certa predisposição para lidar com a criança. Tal associação naturaliza a concepção de que para o trabalho com crianças pequenas é necessário apenas ter uma vocação para a maternagem (CONCEIÇÃO; BERTONCELI, 2017, p. 67).

O próprio trabalho como docente na Educação Infantil é um exemplo desse processo, pois, ao longo do tempo, foi constituindo-se de forma precária, o que dificultou muito o processo de constituição de uma identidade docente. Silva e Lage (2021) ponderam que a educação infantil emergiu com a forte presença das mulheres. No Brasil, o processo assistencialista a que foi condicionada essa etapa, também foi determinante para que a docência fosse vista apenas do ponto de vista do cuidado e não da educação. Assim, a cuidadora não necessitava de formação para exercer tal função (CONCEIÇÃO; BERTONCELI, 2017).

Gaio, Martins e Alves (2020) lembram que a escola é um espaço de aprendizagem, mas é por meio da brincadeira, no espaço escolar, que as crianças se apropriam e ampliam a sua visão com suas

Dessa brincadeira você não pode brincar! A brincadeira de papéis na constituição de gênero na educação infantil

experiências. Para os autores, os docentes devem ser devidamente preparados para o desenvolvimento desse processo.

Com base em Souza e Ribeiro (2020) destacamos ser importante eclodir e fortalecer o debate de gênero em todos os espaços de maneira que, os sujeitos possam ser e agir com a plena liberdade de serem quem quiserem ser.

O exercício do magistério é, portanto, muito importante, por colaborar de forma efetiva para a constituição das crianças, pois é com o professor que elas aprendem os primeiros sentidos do trabalho e, assim, é essencial garantir a diversidade de gêneros, para que possam perceber que não existem funções de homens, ou de mulheres, mas de pessoas humanas, e que todos podem desempenhar a atividade que escolherem na sociedade; no campo que desejarem, e isso vai colaborar de forma efetiva para a formação de cidadãos mais autônomos e ativos em sociedade.

## **Considerações Finais**

O objetivo, neste estudo, foi entender, sob a visão encontrada na bibliografia consultada, como se constituem os papéis dos gêneros masculino e feminino na Educação Infantil. Para isso, verificou-se que, na literatura, se considera que as crianças são formadas de maneira que, desde pequenas, já desempenhem papéis segundo sua identidade, ou seja, meninos fortes e meninas dóceis.

A constituição dos papéis de gênero é uma construção social, ou seja, as crianças apropriam-se desde cedo dos modos sociais das pessoas consideradas mais experientes e internalizam esse processo em suas próprias vidas e modo de ser. Consideramos que tais papéis dos gêneros não são biológicos e que as funções exercidas por homens ou mulheres são construções sociais apropriadas ao longo do tempo.

A análise bibliográfica resultou em duas vertentes importantes de abordagem: a brincadeira como constituinte do sujeito e a ideia de normatividade social que envolve as brincadeiras, isto é, os meninos devem brincar com brinquedos considerados socialmente de meninos e, do mesmo modo, as meninas.

Na literatura, também está apontado que as crianças que pouco se enquadram nas ideias binárias, são consideradas análogas, pela sociedade, e que os meninos e as meninas devem se apropriar de habilidades que permitam desenvolver os seus papéis sociais, como o menino, que deve ser impetuoso, forte, ágil e habilidoso, e a menina, que deve buscar ser dócil, cuidadora, zelosa e materna, o que, segundo a literatura é considerado socialmente inato, mas são fatores construídos por

meio da brincadeira e das apropriações sociais.

Ponderamos, diante da literatura analisada, que, na sociedade, mantém-se uma aversão às atividades femininas, o que consideramos uma característica própria da educação dos sujeitos masculinos, que não devem brincar com brinquedos femininos, pois, se assim o fizer, estará se feminilizando. Consideramos que tal pensamento reproduz estereótipos sociais que ampliam a diferenciação entre meninos e meninas e suas funções sociais.

Consideramos que todo o processo de apropriação e constituição dos papéis de gênero, nas crianças que estão na Educação Infantil, acontece na brincadeira, porque proporciona ao sujeito a capacidade de internalizar as ações sociais e apropriá-las em seu dia a dia. Cada vez que uma menina brinca de boneca, ela desenvolve o cuidado e o zelo, e cada vez que o menino brinca de bola, ele desenvolve habilidades de força e agilidade, exemplos esses concretizados devido às pressões sociais que assim determinaram desde antes do nascimento, isto é, na descoberta do sexo biológico, qual será o papel desse novo sujeito.

## **Agradecimentos**

Agradecemos ao Programa de Suporte à Pós-graduação de Instituições de Ensino Particulares (Prosup) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que apoiaram financeiramente a produção deste estudo. Também agradecemos ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Aprendizagem, Desenvolvimento e Inclusão na Educação Básica (GEPADIEB) pelas sugestões dadas.

## **Referências**

- ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo: Atlas, 2010.
- ARCE, Alessandra. Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.113, p. 167-184, jul. 2001.
- BRAGA, Jainara Pacheco de; STINGHEN, Tcharlata Françoise; PLÁCIDO, Reginaldo. A influência do brincar na construção de gênero na infância. **Redin - Revista Educacional Interdisciplinar**, Taquara, v. 7, n. 1, 2018.
- CAMPOS, Camila da Silva Rondon; SILVA, Cleidiane Gonçalves da; MIRANDA, Marta Maria Rodrigues de; ALMEIDA, Mickyciele da Silva Caldas; GAUDÊNCIO, Rosidete Conceição da Silva; CESÁRIO, Ruan Felipe da Silva; FERREIRA, Tânia Aparecida Oliveira. O brincar livre de gêneros. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 7, n. 10, p. 2.655-2.663, 2021.

Dessa brincadeira você não pode brincar! A brincadeira de papéis na constituição de gênero na educação infantil

CÓLIS, Eduardo Benedito; SOUZA, Leonardo Lemos. Infâncias, gênero e sexualidades: uma investigação-intervenção com professores de educação infantil. **Revista Latinoamericana de Educación Inclusiva**, Santiago, v.14, n.1, p. 53-68, 2019.

CONCEIÇÃO, Caroline Machado Cortelini; BERTONCELI, Mariane. A profissão docente na educação infantil: uma análise histórica da constituição de um grupo profissional. **Temas & Matizes**, [S. l.], v. 11, n. 21, p. 64–84, 2017.

DUARTE, Leonardo Felipe Gonçalves; DUARTE, Rodrigo Gonçalves; GIMENEZ, Roberto; MARTINS, Ida Carneiro. O cuidar e o educar realizado por professores homens na educação infantil: desafios de um cenário feminilizado. **Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade**, Naviraí, v. 9, n. 20, p. 91-106, 27 maio 2022.

DUARTE, Leonardo Felipe Gonçalves; DUARTE, Rodrigo Gonçalves; MARTINS, Ida Carneiro. Docência masculina na educação infantil: será esse um espaço somente de mulheres? **Dialogia**, São Paulo, n. 43, p. 1-19, e23762, jan./abr. 2023.

DUARTE, Leonardo Felipe Gonçalves; DUARTE, Rodrigo Gonçalves; MARTINS, Ida Carneiro. A constituição da masculinidade e feminilidade na educação infantil. **Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)**, Naviraí, v. 6, n. 1, 14 nov. 2022.

DUARTE, Leonardo Felipe Gonçalves. **Gênero e educação: o que pensam os professores homens sobre sua inserção e atuação em instituições de educação infantil**. 2023, 130 f. Orientadora: Profa. Dra. Ida Carneiro Martins. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Cidade de São Paulo, 2023.

ELIOT, Lise. **Cérebro azul ou rosa: o impacto das diferenças de gênero na educação**. Porto Alegre: Penso, 2013.

ELKONIN, Daniil. **Psicologia do jogo**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 54-87, jan./jul. 2000.

FONTANA, Roseli Canção. A constituição social da subjetividade: notas sobre Central do Brasil. **Educação & Sociedade**. Campinas, n. especial, v. 17, p. 221-234, jul. 2000.

FREITAS, Leticia *et al.* Brincadeiras de meninas e meninos: um olhar sobre as questões de gênero na educação infantil. **Revista Práticas em Educação Infantil**, v. 4, n. 5, 2019.

FURLAN, Cássia Cristina; MÜLLER, Verônica Regina. O brincar e as relações de gênero: reflexões de crianças e docentes. **Revista do Centro de Educação**, v. 40, n. 3, 2015.

GAIO, Roberta; MARTINS, Ida Carneiro; ALVES, Perge. Brincadeira de menino ou de menina: o que dizem os/as professores/as de educação infantil. *In*: SOARES, Artemis de Araújo. (org.). **Sociedade, cultura, educação e extensões na Amazônia**. Manaus; São Paulo: Edua; Alexa Cultural, v. 1, p. 143-164, 2020.

GIONGO, Marina. **Socialização de gênero e educação infantil: estudo de caso sobre a construção e reprodução dos papéis de gênero em uma escola no Rio Grande do Sul**. Orientador: Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo. 174 f. 2015. Dissertação (Mestrado) - Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015.

GONÇALVES, Josiane Peres; ANTUNES, Jéssica Barbosa. Memórias de professores homens que trabalharam como docentes de educação infantil e suas representações sociais. **Interfaces da Educação**, [S. l.], v. 6, n. 16, p. 134-153, 2015.

GONÇALVES, Josiane Peres; FERREIRA, Verônica Caroline de Matos; CAPRISTO, Zenaide Ribeiro Neto. Professores homens desempenham as mesmas funções que as professoras na educação infantil? Olhares dos gestores escolares. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 21, n. 34, p. 125-145, 2018.

GUIZZO, Bianca Salazar. Identidades de gênero masculinas na infância e as regulações produzidas na educação infantil. **Revista Ártemis**, [S. l.], n. 6, 2007.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação Docente** – revista brasileira de pesquisa sobre formação de professores, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 62-70, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARTINS, Ida Carneiro. **As relações do professor de educação infantil com a brincadeira**: do brincar na rua ao brincar na escola. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009.

MATOS, Rosana Trindade de; OLIVEIRA, Márcio de; VÁSQUEZ, Alícia Gonçalvez. Games, Plays and Childhood Education: notes about gender construction. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. e13610212489, 2021.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n.3, p. 621-626, mar. 2012.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 9, n. 33, p. 78-95, 2012.

PEREIRA, Angelica; OLIVEIRA, Ericka. Brincadeiras de meninos e meninas: cenas de gênero na educação infantil. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 273-288, 28 abr. 2016.

PINO, Angel. **As marcas do humano**: as origens da constituição cultural na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

RAMOS, Clemerson Elder Trindade. **Quem tem medo do lobo mau?** Inquietações e medos sobre o trabalho do homem na educação infantil. 2020, 379 f.: il. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2020.

RUIS, Fernanda Ferrari; PEREZ, Márcia Cristina Argenti. Ouvindo meninos: relações de gênero na educação infantil. **Doxa**: revista brasileira de psicologia e educação, Araraquara, v. 19, n. 2, p. 283-294, 2017.

Dessa brincadeira você não pode brincar! A brincadeira de papéis na constituição de gênero na educação infantil

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Ano 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1998. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 5 maio 2021.

SILVA, Claudionor Renato. **Docência masculina na educação infantil**: impressões de um iniciante. Gênero e raça em discussão. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

SILVA, Marciano Antonio; LAGE, Allene Carvalho. Masculinidades e o exercício de professores homens na educação infantil: uma reflexão a partir das sensibilidades. **Rev. @mbienteeducação**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 537-554, set./dez. 2021.

SMOLKA, Ana Luiza. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação e Sociedade**, v. 21, n.71, p.166-193, jul. 2000.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos; BARCA, Ana Paula de Araújo. O professor na perspectiva de Vigotski: uma concepção para orientar a formação de professores. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 24, n. 1, 2019.

URT, Sônia da Cunha; VITAL, Soraya Cunha Couto. Constituição docente na educação integral: um olhar a partir da teoria da atividade. III Jornada Brasileira De Educação E Linguagem. III Encontro Dos Programas De Mestrado Profissionais Em Educação E Letras. XII Jornada De Educação De Mato Grosso Do Sul. **Anais [...]**. Mato Grosso do Sul, 2018. ISBN: 978-85-99540-88-6.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Rev. Cad. Pagu**, n.1, v.33, dez. 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**. Tradução: Zoia Prestes. 2008.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)*

Recebido em: 01/11/2022  
Aprovado em: 24/05/2023